ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

ESCOLA MARECHAL CASTELLO BRANCO

Cel Art RICARDO ALVES **PEREIRA**

A COMUNICAÇÃO ESTRATÉGICA E A PROPAGANDA COMO MULTIPLICADORES DO PODER DE COMBATE NOS CONFLITOS CONTEMPORÂNEOS DA DÉCADA DE 2010: LIÇÕES APRENDIDAS PARA A DOUTRINA MILITAR.

Rio de Janeiro

2020

Cel Art RICARDO ALVES **PEREIRA**

A Comunicação Estratégica e a Propaganda como Multiplicadores do Poder de Combate nos Conflitos Contemporâneos da Década de 2010: Lições Aprendidas para a Doutrina Militar.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Política, Estratégia e Alta Administração Militar.

Orientador: Cel R1 **Ariel** Martim de Oliveira e Silva Junior

Rio de Janeiro
2020

P436c Pereira, Ricardo Alves

A Comunicação Estratégica e a Propaganda como Multiplicadores do Poder de Combate nos Conflitos Contemporâneos da década de 2010: Lições Aprendidas para a Doutrina Militar / Ricardo Alves Pereira . - 2020.
39 f. : il. ; 30 cm.

Orientação: Ariel Martim de Oliveira e Silva Junior.
Policy Paper (Especialização em Política, Estratégia e Alta Administração Militar)— Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2020.
Bibliografia: f. 34-38.

1. CONFLITOS CONTEMPORÂNEOS . 2. COMUNICAÇÃO ESTRATÉGICA . 3. PROPAGANDA . I. Título.

CDD 358.4

Cel Art RICARDO ALVES **PEREIRA**

A Comunicação Estratégica e a Propaganda como Multiplicadores do Poder de Combate nos Conflitos Contemporâneos da Década de 2010: Lições Aprendidas para a Doutrina Militar.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Política, Estratégia e Alta Administração Militar.

Aprovado em de de 2020

COMISSÃO AVALIADORA

_____

ARIEL MARTIM DE OLIVEIRA E SILVA JUNIOR - Cel R1 – Presidente
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

_____

GERSON DE MOURA FREITAS - Cel R1 – Membro
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

_____

OTHON GOMES DE MELO – Cel Cav – Membro
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

SUMÁRIO EXECUTIVO

A Era da Informação e do Conhecimento, trouxe para a atualidade conflitos bélicos cada vez mais assimétricos, com forças presentes dotadas de enorme flexibilidade, facilmente ajustáveis a cada condição imposta e munidas de relevante componente tecnológico. O ambiente operacional contemporâneo tornou-se mais congestionado e as operações militares passaram a ser desenvolvidas, em sua grande parte, no contexto de áreas humanizadas. Variáveis como a presença da população civil, a opinião pública, a velocidade dos fluxos da informação e da desinformação e o emprego de meios não cinéticos passaram a ter peso considerável nos planejamentos das forças. Conflitos contemporâneos ocorridos durante a década de 2010, como no Afeganistão, na Síria e na Ucrânia, tornaram-se pontuais na apresentação desses mencionados fatores. Tais conflitos mostraram forças militares em fricção munidas de notável Comunicação Estratégica e de precisas atividades de propaganda na defesa de suas narrativas, a tal ponto que a ações no ambiente informacional tiveram peso importante na robustez do poder de combate das forças. No Afeganistão, as forças da coalizão articularam as narrativas com vistas a fortalecer as débeis instituições nacionais afegãs e a obter e manter o precioso apoio da população local. Os grupos terroristas, por sua vez, se preocuparam em utilizar a dimensão informacional para demonizar os estrangeiros presentes em solo muçulmano perante a população e, ao mesmo tempo, fortalecer o recrutamento e as suas bases financeiras. A complexa guerra na Síria revelou uma disputa de narrativas entre os diversos atores envolvidos no enlace do diagrama de relações desse Teatro de Operações. As ações das forças sírias apoiadas pela Rússia e contrariadas pelos Estados Unidos e seus aliados alcançaram o mundo, através das transmissões em tempo real motivadas pelas mídias internacionais e pelas redes sociais. Da mesma forma, o Estado Islâmico orquestrou uma narrativa bem articulada e influenciou suas audiências por meio de chocantes peças de propaganda, a fim de conquistar seus objetivos no campo informacional. Além de atuar na Síria, a Rússia, motivada pelos seus interesses estratégicos, foi protagonista do conflito na Ucrânia, onde cresceu de relevância o episódio da anexação da Crimeia. Nesse conflito, as forças russas demonstraram um elevado conjunto de capacidades de conduzir um combate na dimensão informacional, no mais amplo conceito de guerra híbrida. Para tal, utilizou uma ampla rede de construção e manipulação da informação a seu favor, tendo como resultado o aumento do seu poder de combate. Do exposto, observa-se que os conflitos contemporâneos exigiram dos planejadores o elevado gerenciamento da informação e a necessidade de correta aplicação da Comunicação Estratégica, o que colaborou imensamente para o aumento do poder de combates das forças envolvidas.

EXECUTIVE SUMMARY

The Information and Knowledge Age has brought to the present day increasingly asymmetric war conflicts, with present forces endowed with enormous flexibility, easily adjustable to each imposed condition and equipped with a relevant technological component. The contemporary operating environment became more congested and military operations began to be developed, for the most part, in the context of humanized areas. Variables such as the presence of the civilian population, public opinion, the speed of information flows and disinformation and the use of non-kinetic means have come to have considerable weight in the planning of forces. Contemporary conflicts that occurred during the 2010s, as in Afghanistan, Syria and Ukraine, became punctual in the presentation of these factors. Such conflicts showed frictional military forces armed with remarkable Strategic Communication and precise propaganda activities in defense of their narratives, to the point that actions in the informational environment had an important weight in the strength of the forces' fighting power. In Afghanistan, coalition forces have articulated the narratives with a view to strengthening the weak Afghan national institutions and obtaining and maintaining the precious support of the local population. The terrorist groups, in turn, were concerned with using the informational dimension to demonize foreigners present on Muslim soil before the population and, at the same time, strengthen recruitment and their financial bases. The complex war in Syria revealed a dispute of narratives between the various actors involved in linking the diagram of relations of this Theater of Operations. The actions of Syrian forces supported by Russia and thwarted by the United States and its allies reached the world, through real-time broadcasts motivated by international media and social networks. Likewise, Islamic State orchestrated a well-articulated narrative and influenced its audiences through shocking pieces of propaganda in order to achieve its goals in the information field. In addition to operating in Syria, Russia, motivated by its strategic interests, was the protagonist of the conflict in Ukraine, where the episode of the annexation of Crimea grew. In this conflict, Russian forces demonstrated a high set of capabilities to conduct combat in the informational dimension, in the broader concept of hybrid war. To this end, it used a wide network of construction and manipulation of information in its favor, resulting in an increase in its combat power. From the above, it is observed that contemporary conflicts demanded from planners the high management of information and the need for correct application of Strategic Communication, which collaborated immensely to increase the fighting power of the forces involved.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO **4**

2 ENQUADRAMENTO CONCEITUAL: COMUNICAÇÃO ESTRATÉGICA E PROPAGANDA **6**

3 O PANORAMA HISTÓRICO E GEOPOLÍTICO DOS CONFLITOS **7**

3.1 O CONFLITO DO AFEGANISTÃO – OPERAÇÃO *ENDURING FREEDOM* 7
3.2 O CONFLITO DA SÍRIA: UMA GUERRA DE INTERESSES 11
3.3 O CONFLITO DA UCRÂNIA E A GUERRA HÍBRIDA 13

4 A COMUNICAÇÃO ESTRATÉGICA E A PROPAGANDA NOS CONFLITOS **16**

4.1 AFEGANISTÃO 16
4.2 SÍRIA 19
4.3 UCRÂNIA 23

5 LIÇÕES APRENDIDAS E RECOMENDAÇÕES **30**

REFERÊNCIAS **34**

1 INTRODUÇÃO

A conflitualidade contemporânea está contida em um ambiente operacional caracterizado pela elevada complexibilidade, muito devido à multiplicidade de atores e à mistura de fatores militares e não militares. Assim sendo, na atual conjuntura belicista da Era da Informação e do Conhecimento, observamos conflitos cada vez mais assimétricos, com forças presentes dotadas de enorme flexibilidade, facilmente ajustáveis a cada situação e munidas de considerável componente tecnológico. Trata-se de aspectos característicos do atual combate no chamado amplo espectro[1] dos conflitos.

O ambiente operacional contemporâneo tornou-se mais congestionado e difuso, uma vez que as operações militares têm sido desenvolvidas, em sua grande parte, em áreas humanizadas. Assim, entram em cena outras componentes decisivas para o combate, como a constante presença da população civil e a opinião pública.

A velocidade e a amplitude das mídias sociais, bem como a presença constante dos órgãos de comunicação social e a valorização de questões humanitárias e de meio ambiente pelas sociedades têm sido argumentos presentes nos conflitos bélicos recentes. Atualmente, as operações militares respondem a uma série de condicionantes, como a necessidade de ausência de prejuízos para a população civil envolvida e os menores “danos colaterais” possíveis, causados à tropa e aos não combatentes. Assim, cresce de importância a busca pela chamada “letalidade seletiva”[2].

Além disso, a configuração internacional, caracterizada pelas assimetrias de poder, gera tensões e instabilidades que contribuem para o fortalecimento dos grupos insurgentes e de organizações criminosas ou terroristas e que tendem a incrementar a guerra irregular. Ainda que a ocorrência de conflitos generalizados entre Estados tenha reduzido, renovam-se aqueles de caráter religioso e étnico, exacerbam-se os nacionalismos e fragmentam-se os Estados (BRASIL, 2012), cenário fértil para o desenvolvimento das chamadas “guerras híbridas[3]”.

A variedade de condicionantes aqui mencionadas nos remete a combates recentes, como o conflito no Afeganistão, o conflito na Síria e o ocorrido na Ucrânia, todos já no século XXI e recheados de atores “*far* e *near abroad*” e combatendo “por procuração”[4].

Dessa forma, observa-se que tais condicionantes presentes nos conflitos contemporâneos requerem que as forças militares realizem as ações com acurada precisão e disponham de capacidades específicas, dotadas de meios com alta tecnologia agregada e que, quando combinadas com argumentos presentes no campo informacional, permitam uma rápida e precisa avaliação para a correta tomada de decisão. Para isso, é necessário que as autoridades decisoras e planejadores estratégicos obtenham, em suas componentes militares, a superioridade de informação[5], a fim de poderem influenciar, interromper ou afetar a capacidade do adversário de tomar e compartilhar as suas decisões.

De fato, podemos inferir que as regras dos conflitos armados se modificaram. O valor dos meios militares para atingir os objetivos políticos e estratégicos não apenas foi incrementado em termos tecnológicos. Em alguns casos, esse engajamento excede a efetividades das armas (PIELLA, 2018).

A mensagem enviada pelas ações militares potencialmente letais tem impacto imensurável na percepção das pessoas e das sociedades e, por isso, requer a perfeita coordenação e integração com uma narrativa unificada em todos os níveis de planejamento, por meio de Comunicação Estratégica e Propaganda coerentes com os objetivos políticos e estratégicos dos contendores. Torna-se, então, imperioso que a informação seja consistente, complementar e coordenada, a fim de atingir todos os públicos propostos.

A título de contextualização, para GERASIMOV (2016), Chefe de Estado-Maior do Exército da Federação Russa, os métodos assimétricos mais eficazes de guerra estão contidos no ambiente da informação, aliados às atividades de mídia. Neste sentido, o efeito dessas ações pode ser comparável aos resultados do uso em larga escala de tropas e forças.

Considerando outro exemplo, para RODRIGUES (2013), os Estados Unidos da América (EUA) foram derrotados na Guerra do Vietinã no campo doméstico. Um melhor trabalho de Comunicação Estratégica, de Diplomacia Pública ou de informação e influência por parte dos militares, talvez não fossem suficientes para conduzir os EUA para a vitória no campo político-estratégico, mas certamente permitiria que a imagem das Forças Armadas saíssem do conflito mais fortes perante a população norte-americana.

Este *Policy Paper* utilizará, como estudo de caso, 3 (três) conflitos contemporâneos, delimitados no tempo, a partir da década de 2010. Para fins de delimitação geográfica e histórica, foram selecionados para o referido estudo o conflito do Afeganistão, com ênfase nas ações ocorridas nos combates contra os terroristas islâmicos, por parte da *International Security Assistance Force* (ISAF), de 2010 a 2014; o conflito da Síria, a partir de 2011 e o conflito da Ucrânia, este último, compreendendo ações desde 2013.

Diante do exposto, abordaremos, nos três casos de conflitos contemporâneos, a presença da Comunicação Estratégica, ações de Propaganda emitidas pelos contendores e como essas variáveis exercem influência no poder de combate das Forças envolvidas, bem como levantar neste contexto as lições aprendidas para a doutrina militar no Brasil.

2 ENQUADRAMENTO CONCEITUAL: COMUNICAÇÃO ESTRATÉGICA E PROPAGANDA

O enquadramento conceitual de Comunicação Estratégica presente neste trabalho irá se basear na doutrina consagrada da OTAN. Para a Aliança Atlântica, a *StratCom (Strategic Communication)* consiste na utilização coordenada e adequada das atividades de comunicação e capacidades da OTAN, nomeadamente no contexto da Diplomacia Pública, Relações Públicas (*Public Affairs*), Relações Públicas Militares (*Military Public Affairs*), Operações Psicológicas e de Informação, em apoio às políticas da OTAN e às operações, a fim de contribuir para os objetivos da Aliança (NATO, 2010).

Na sua essência, essa conceituação de Comunicação Estratégica, fundamenta-se na compreensão das intenções e atividades de informação da OTAN, ocorrendo totalmente sincronizadas com as ações, imagens e mensagens, em todos os níveis de planejamento da Aliança.

Trata-se, portando de uma narrativa unificada emitida por um Estado ou por uma entidade, que deverá ser seguida fielmente pelas ações de todos os envolvidos. A combinação das ações, imagens e mensagens, caminhando no mesmo compasso da narrativa irá impedir a ocorrência de "*gaps*" entre "o que se comunica" e "o que se executa".

O termo propaganda tem sua origem etimológica no latim, *pangere*, plantar. Todo o ato de comunicação visa, assim, plantar uma mensagem no receptor, sob a forma de uma propaganda ideológica, política ou eleitoral. As mensagens são transmitidas pelos meios de comunicação de massa que veiculam as mensagens, dissimuladas dentro da programação do emissor (CALAZANS, 1992).

Segundo BRASIL (1999), o conceito de propaganda constitui a difusão de qualquer informação, ideia, doutrina ou apelo especial, visando gerar emoções, provocar atitudes, influenciar opiniões ou dirigir o comportamento de indivíduos ou grupos, a fim de beneficiar, direta ou indiretamente, quem a promoveu.

Para TCHAKHOTINE (1938), a essência da correta propaganda irá se debruçar nos discursos repetitivos, simplistas, uniformes, inverídicos e maniqueístas, que apelam ora para a persuasão, ora para a emoção, manipulando aspectos básicos da individualidade e das massas, como a agressividade, a sexualidade, as ligações grupais e familiares.

A Comunicação Estratégica e a Propaganda evidenciadas nos três conflitos contemporâneos em questão serão analisadas sob o prisma dessa base conceitual.

3 O PANORAMA HISTÓRICO E GEOPOLÍTICO DOS CONFLITOS

3.1 O Conflito do Afeganistão – Operação *Enduring Freedom*

Na virada do século XX para o século XXI, em virtude dos atentados terroristas do 11 de setembro de 2001, apresentou-se para todo o mundo a organização terrorista, fundamentalista islâmica, com alcance global, que mudou os rumos da história e se tornou o embrião da maioria dos grupos muçulmanos extremistas da atualidade: a *Al Qaeda*, liderada por *Osama Bin Laden*. Essa organização implementou uma guerra contra o suposto inimigo dos muçulmanos, as potências ocidentais, em especial os EUA, e empreendeu uma série de atentados, com a utilização de diferentes células terroristas.

> Em 11 de setembro de 2001, ocorreu o maior ataque terrorista da História e a maior agressão estrangeira sofrida pelos EUA em seu território. Neste dia, a *Al-Qaeda* sequestrou 4 aviões comerciais norte-americanos e lançou dois deles contra cada uma das torres gêmeas do *World Trade Center*, em Nova York, causando o colapso dos prédios. Os outros dois aviões foram dirigidos para *Washington D.C.*, sendo que um deles atingiu o prédio da Secretária de Defesa dos EUA, o Pentágono, e outro caiu antes de atingir a cidade. O saldo total de mortos dos atentados foi de 2.996 pessoas (incluindo os 19 terroristas) e 6.291 feridos (NOVAIS, 2012, pag. 71).

Em resposta à ousadia desse atentando, os EUA decidiram atacar a *Al-Qaeda* e seus apoiadores do Talibã no Afeganistão. O Presidente norte-americano *George W. Bush* deu início, assim, à chamada “Guerra ao Terror” que marcaria a política externa e as forças militares dos EUA por toda a década passada e a atual. Coube ao Comando Central dos EUA (*CENTCOM*, na sigla em inglês), o planejamento para a ação contra a Al-*Qaeda* e o Talibã no Afeganistão, denominada Operação *ENDURING FREEDOM*.

WRIGHT (2010) considera que os objetivos da operação eram derrubar o regime Talibã no Afeganistão, destruindo as bases da *Al-Qaeda* e criando um governo estável naquele país, além de capturar *Osama Bin Laden*.

O papel de vítima do maior atentado terrorista da história deu legitimidade aos EUA para dar uma resposta dura no Afeganistão. Por isso, os EUA conseguiram formar uma coalizão com as forças locais contrárias ao regime do Talibã (a chamada Aliança do Norte), além de realizar uma série de negociações com países vizinhos que permitissem a entrada de tropas norte-americanas. Dessa forma, os EUA conseguiram a autorização do já aliado Paquistão e da ex-república soviética do Uzbequistão para a concentração de meios.

Assim, as ações militares se iniciaram em 7 de outubro de 2001, com massivos ataques aéreos aos alvos da *Al-Qaeda* no Afeganistão. Houve intenso apoio das forças dos EUA às milícias afegãs, as quais empreenderam verdadeira caçada contra as forças do Talibã e da *Al-Qaeda* (CONDÉ, 2017).

Tal ofensiva aérea teve como objetivo desgastar as forças de terra e sua capacidade de reação aos ataques das forças da Aliança do Norte, juntamente com os EUA.

Posteriormente, seguiu-se uma campanha destinada a perseguir os líderes terroristas e a eliminar os últimos bolsões de resistência e os refúgios nas montanhas, onde os militantes procuravam reagrupar-se no acidentado relevo afegão.

Apesar da intensa perseguição das forças americanas nos refúgios no coração das montanhas do Leste do Afeganistão, *Osama bin Laden* e grande parte dos líderes Talibãs e da *Al-Qaeda* conseguiriam escapar das tropas. Obrigados a fugir do Afeganistão, os Talibãs encontravam refúgio nas zonas tribais do Paquistão (PEREIRA, 2011).

De acordo com WRIGHT (2010), essa ação ofensiva foi considerada um sucesso com a baixa e captura de cerca de 1.100 inimigos, mas mesmo com a fuga de aproximados 1.500 homens do Talibã e da *Al-Qaeda*.

Em 2002, foi criada a *United Nations Assistance Mission in Afghanistan (UNAMA)*, onde a comunidade internacional passou a se envolver em grande esforço de assistência humanitária e de reconstrução e desenvolvimento do Afeganistão. Ao mesmo tempo, uma resolução das Nações Unidas autorizava a criação da *International Security Assistance Force (ISAF)*, a força internacional de segurança, que passaria em 2003 para o comando da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) (PEREIRA, 2011).

Assim, a ISAF estenderia progressivamente as suas responsabilidades da área de Cabul às províncias do Norte e do Oeste do país e depois na maior parte do território afegão. A partir de então, a ISAF passou a fortalecer a execução de narrativa unificada, por parte da OTAN e, particularmente dos EUA, para o cumprimento dos objetivos políticos e estratégicos do conflito.

Para RODRÍGUEZ (2013), o novo centro de gravidade no teatro de operações passaria, mais do que nunca, para território das percepções. Se antes, as campanhas militares se apoiavam fortemente nas operações de informação, agora as campanhas de comunicação estratégica é que acompanham as operações militares.

A partir desse ponto, os futuros esforços da coalizão seriam resolvidos, acima de tudo, observando o conceito do amplo espectro do conflito, aliando os combates pontuais à insurgência às ações de estabilização, como, por exemplo, os projetos de reconstrução do Afeganistão.

Para WRIGHT (2010), nesse momento, a missão de combate à insurgência visava dois objetivos. O primeiro era retirar o controle Talibã de aldeias, vilas e até cidades devolvendo o controle delas para as autoridades afegãs e o segundo era dar segurança aos projetos de reconstrução, expulsando os talibãs, para que os trabalhos pudessem ser feitos e os canteiros de obras protegidos.

> Um exemplo de combate para apoiar tarefas de reconstrução foi a OPERAÇÃO MOUNTAIN FURY, que ocorreu nas províncias de *Paktika, Khost, Ghazni, Paktia* e *Logar*, também no sul e sudeste do país. Esta operação, que ocorreu de 16 de setembro de 2006 a 15 de janeiro de 2007, visou limpar a área da presença talibã para permitir obras de infraestrutura e a construção de prédios públicos como escolas, postos de saúde, fóruns, etc. , trazendo a autoridade do governo para junto da população (NOVAIS 2012, pag. 90).

Mesmo assim, as ações terroristas pontuais continuaram a ocorrer. Dessa forma, para fazer frente ao aumento da insurgência, os EUA começaram a aumentar os efetivos no Afeganistão a partir de 2008. De janeiro de 2008 para junho do mesmo ano, os efetivos americanos subiram 80%, saltando de 26.607 para 48.250 militares. Em 2011 chegou ao teto de 100.000. Esse aumento de efetivo buscava desmotivar os insurgentes a lutar e também reconciliar o Talibã com o novo governo eleito no Afeganistão (CONDÉ, 2017).

No entanto, os EUA já planejavam um cronograma de saída das tropas do país, o que acelerou o processo de busca de independência do governo afegão das decisões e conselhos norte-americanos.

Além disso, o escândalo do *Wikileaks*[6] envolvendo a divulgação de relatórios de inteligência que denunciavam a morte de civis afegãos pelas tropas da OTAN e o apoio dos serviços de inteligência paquistaneses ao Talibã, foram peças fundamentais para a elaboração de um cronograma de saída das tropas do país. Mas talvez um dos eventos mais significativos tenha sido a morte de *Osama Bin Laden*, em maio de 2011, no Paquistão, encerrando uma caçada que durou quase 10 anos e que caracterizava, apesar de todos os óbices, uma separação lenta e gradual do Talibã da *Al-Qaeda* (CONDÉ, 2017).

Assim, o cronograma de saída das tropas anunciado pelos EUA, em junho de 2011, foi o estopim para que outros países contribuintes de tropa pudessem iniciar também seus planejamentos de saída do Afeganistão.

O Conflito no Afeganistão se iniciou, a bem da verdade, como fruto de um fato histórico que ganhou enorme força após a sua execução gerando medo, em efeitos midiáticos e na propaganda. O 11 de Setembro “explodiu o mundo”. Segundo PIRES (2016), esse fato marcou porque se dirigiu contra a maior potência militar do planeta. Por que muitos (no mundo islâmico) demonstraram “alegria” pela humilhação feita ao “Tio Sam”? Por que os EUA estavam avisados, mas não preparados? Por que as autoridades norte americanas queriam responder rapidamente ao choque, mas não sabiam por onde começar? O 11 de Setembro foi um enorme atentado midiático, vivido pelo mundo inteiro, onde milhões de imagens que se multiplicaram, se exponenciaram, exageraram e depois foram analisadas e reproduzidas de inúmeras formas pelos órgãos de comunicação social mundiais.

Por outro lado, essa enorme propaganda, que mostrava a vulnerabilidade da blindagem da maior potência mundial, serviu de forte motivação para o fortalecimento do nacionalismo da população norte-americana. De acordo com a Trindade Paradoxal de *Clausewitz*, para a consecução da vitória na guerra, são necessários o Governo, as Forças Armadas e a vontade do povo. Assim, a propaganda proporcionou aos EUA a motivação deste último elemento para a execução da guerra contra o terrorismo.

3.2 O Conflito da Síria: uma guerra de interesses

Para SARAIVA e col. (2017), desde 2012, a Síria está envolvida em uma guerra civil, na qual houve a perda de vidas de mais de 250 mil pessoas. Este conflito se originou de forte contestação popular iniciada em 2011, conhecida como a "Primavera Árabe"[7], à qual as forças do Presidente *Bashar Al-Assad* responderam com enorme violência.

Apesar de tudo ter começado por ser uma revolta da população contra o poder ditatorial, a corrupção, os abusos e a falta de liberdade, tal como na Líbia, Egito e Tunísia, cedo se tornou numa revolta sectária[8], porque este descontentamento era sentido, sobretudo, pela maioria sunita do povo. Estes se sentiam discriminados, face à minoria xiita alauíta, de onde pertence *Bashar Al-Assad* e que controlava o Exército, os serviços, a segurança e a economia (VIEIRA e RODRIGUES, 2014).

Cabe aqui ressaltar que a divisão social da Síria é uma das causas da guerra civil de hoje, onde os xiitas alauítas constituem apenas 9% dos sírios, mas governam o país há 50 anos e as grandes cidades do interior são contra os alauítas, que são a base do Exército (QUINTELLA, 2017).

VIEIRA e RODRIGUES (2014) estabelecem que as "forças não estatais no terreno" contrárias ao regime de *Assad* eram compostas pelos grupos rebeldes (conselhos, coligações, comitês locais e, em especial, o Exército da Síria Livre, formado por milícias revolucionárias e militares rebeldes desertores do Exército Nacional da Síria, totalizando cerca de 10.000 homens).

Outros atores não estatais presentes no terreno, contrários a *Assad* que merecem destaque são os grupos *jihadistas*, compostos pela Frente *Al-Nusra* e pelo *ISIS* (Estado Islâmico do Iraque e da Síria). A primeira, constituída em 2013, tornou-se uma espécie de "franquia" da *Al-Qaeda,* paradoxalmente considerada como terrorista pelos EUA e União Europeia (UE), mas indiretamente recebeu o seu auxílio

do ocidente, porque as armas fornecidas aos rebeldes sírios foram parar nas mãos daqueles grupos. O segundo formou-se logo após a invasão dos EUA no Iraque em 2003, derrubando o regime do presidente iraquiano *Saddam Hussein* em 2004. O Estado Islâmico surgiu composto por uma série de insurgentes sunitas, incluindo alguns ligados à *Al-Qaeda*, mas também a outros movimentos jihadistas. O seu objetivo era instaurar um califado[9] islâmico, aproveitando o caos instalado no Iraque, à época, conseguindo controlar a região que faz fronteira com a Síria. Quando se iniciou a revolta na Síria, o Estado Islâmico se aproveitou da guerra sectária entre rebeldes sunitas e o poder xiita, para se colocar do lado dos primeiros, que no início aceitaram de bom grado esta ajuda, visto que tinham poucas armas e meios para combater. De repente, aquele grupo terrorista passou a ser a força mais poderosa a combater na Síria, controlando as cidades de *Ar-Raqqa, Idlib* e *Aleppo* (VIEIRA e RODRIGUES, 2014).

> Apesar de todos estes grupos terem como adversário comum o regime de *Assad*, eles também combatem entre si, demonstrando a falta de uma ideologia comum unificadora de vários movimentos que constituem o conflito na Síria (MORGADO, 2018).
>
> Já o principal ator não estatal a favor do regime sírio é o *Hezbollah*, força islâmica xiita com estrutura similar à de um exército e, ao mesmo tempo, um grupo político com sede no Líbano, criado em 1979 depois da revolução iraniana (BATISTA, et al. 2016).

VIEIRA e RODRIGUES (2014) consideram que, desde o seu início, essa revolta sectária teve o apoio das potências regionais. Do lado dos rebeldes estavam os países sunitas, como o Qatar, a Arábia Saudita e a Turquia, enquanto ao lado do regime de *Assad*, permaneceram os países xiitas, como o Irã e o Líbano. Atrás dos primeiros vieram depois os EUA e a UE e dos segundos, a Rússia e a China.

Verifica-se, dessa maneira, que a Síria detém valor estratégico a nível regional, movimentando o diagrama de relações a nível global. A revolta contra o regime de *Bashar Al-Assad* constitui duro golpe nas pretensões de governos xiitas em controlar o Oriente Médio, sendo também uma contribuição decisiva para alterar o atual panorama geoestratégico do mundo árabe.

Uma possível saída de *Bashar Al-Assad* com a consequente mudança de poder para os sunitas, estes ligados à maioria da população síria, pode colocar em causa esta hegemonia xiita na região e é potencialmente catastrófica para o Irã, porque impediria a passagem que este tem para chegar ao mar Mediterrâneo. Além disso, tal “jogo de xadrez” poderia limitar a ajuda bélica e financeira ao *Hezbollah* no

Líbano e ao *Hamas*, na Faixa de Gaza, debilitando, por isso, a tensão que Teerã exerce sobre Israel. Da mesma forma, enfraqueceria, tanto a Rússia como a China[10], que veem nesta parceria, uma forma de conseguir fazer pressão sobre o Ocidente. Ainda, uma possível queda de *Assad* e dos xiitas na Síria, daria força ao eixo sunita, liderado pela Arábia Saudita e pela a Turquia e que, desta forma, poderia passar a dominar politicamente o Oriente Médio, permitindo aos EUA, não só conservar a mesma influência e hegemonia nessa área do globo, como até aumentá-la (VIEIRA e RODRIGUES, 2014).

Para SARAIVA e col. (2017), a Rússia possui muitos interesses em jogo e tem vindo apostar na intervenção no conflito da Síria, como caminho para o atingimento desses objetivos. Eles se assentam em uma aguerrida competição com os EUA, na tentativa de diminuir a influência global desse país, na busca de enfraquecer a UE e dissuadir a OTAN e, ao mesmo tempo, expandir a influência e a liberdade de ação russa nos âmbitos regional e global.

Mais que uma luta contra o despotismo e pela liberdade, a guerra na Síria tornou-se um conflito de interesses, onde vários atores externos tentam tirar partido de um território estrategicamente inserido no Oriente Médio, com recursos naturais e acesso ao Mediterrâneo e onde as diferenças étnicas e religiosas são apenas o pretexto para disputar interesses políticos (VIEIRA e RODRIGUES, 2014).

Por todas estas razões, a guerra da Síria é também um conflito onde as grandes potências mundiais medem forças e influências, dentro de uma verdadeira *"proxy war"*, disputada, sobretudo, no duelo das narrativas e da propaganda no ambiente informacional.

3.3 O Conflito da Ucrânia e a guerra híbrida

O fim da Guerra Fria implicou consideráveis transformações geoestratégicas e geopolíticas a nível regional e global. O desmembramento da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) deu origem a uma série de novos entes políticos. Neste contexto, a Ucrânia emergia como um Estado independente, não obstante a sua significativa diversidade geográfica e social (DIAS, 2015, pag. 46).

Após a sua independência, em 1991, a Ucrânia definiu como aspiração, criar um modelo de Estado baseado na economia de mercado em aproximação aos valores ocidentais, a fim de separar-se do modelo soviético. Esse ideal permaneceu, no

entanto em segundo plano, pois até 2004 a governança ucraniana emergia das elites do sistema oligárquico pró-russo, influenciada pela política daquele país, dificultando assim, a implementação de reformas estruturais rumo ao desígnio traçado no pós-independência (ABRUNHOSA, 2017).

Em 2004, ocorreu na Ucrânia um movimento popular denominado “Revolução Laranja”, como resposta a processo eleitoral alegadamente fraudulento, onde ficou marcado no povo a vontade clara de reverter a situação político-econômica tradicional do país (ABRUNHOSA, 2017). Esse movimento não obteve êxito, mas causou preocupações na Rússia, que percebia a possibilidade da fuga de um país da sua esfera de influência.

A Rússia criou em 2011 a União Econômica Eurasiática (UEE)[11], projeto de cooperação econômico e aduaneiro para implementar no espaço pós-soviético, área de interesse vital na sua política externa (KOVER, 2015). Esta alternativa constituía um confronto com a UE, que já vinha realizando tratativas com a Ucrânia de associação junto a esse bloco e junto à OTAN.

> Duas propostas estavam em cima da mesa na tentativa de influenciar a decisão da Ucrânia: a da Rússia, com uma oferta de 13 bilhões de euros e a diminuição do preço do gás em 1/3, sem contrapartidas, para que integrasse a UEE; a da UE, com uma oferta de 619 milhões de euros, condicionantes às reformas que a Ucrânia deveria implementar na sequência do Acordo de Associação (AA), sem haver qualquer comprometimento de adesão (FREIRE 2008, apud. ABRUNHOSA).

O governo da Ucrânia, por sua vez, decidiu não ratificar o acordo com a UE e aceitar a proposta russa, integrando a UEE. Cabe salientar que tal decisão foi assistida pela população ucraniana no interior da Praça da Liberdade (apelidada internacionalmente de *Euromaidan*), na capital do país em Kiev, causando enorme descontentamento. Iniciavam-se, a partir de então, as manifestações populares que iriam causar grande impacto na história da Ucrânia e de todo o seu entorno regional.

> Em novembro de 2013, as ruas de Kiev foram palco de uma onda de manifestações que reclamavam uma maior aproximação da Ucrânia à União Europeia (UE), bem como um compromisso real com reformas institucionais, nomeadamente o combate à corrupção, ao abuso de poder, ao nepotismo, à desigualdade *socioeconómica* e à violação de direitos humanos no país. O movimento “*Euromaidan*”, como ficou conhecido, parece ter sido *despoletado* pela decisão das elites políticas em Kiev adiarem a assinatura do Acordo de Associação com a UE que coincidiu com a celebração de um generoso, ainda que pouco transparente, acordo económico com a Rússia (DIAS, 2015, pag. 45).

Após três meses de violentas disputas nas ruas, em de fevereiro de 2014, o governo da Ucrânia e a oposição chegariam a um acordo, intermediado pela UE, no intuito de sair da crise política que já havia feito inúmeras mortes entre os manifestantes, em virtude da forte repressão das forças ucranianas (JONES, 2015).

Posteriormente, após o parlamento ucraniano aprovar o retorno normativo à constituição de 2004, com a perda de alguns poderes do cargo presidencial que haviam sido instituídos, após as eleições de 2010, o Presidente *Viktor Yanuskovych* renunciou ao cargo e se refugiou na Rússia. Diante desta situação, a oposição assumiu o controle político do país, marcando eleições para maio de 2014, emitindo o mandado de prisão do ex-Presidente (KOVER, 2015).

Evidentemente, a UE, em conjunto com os EUA, reconheceu a legitimidade deste governo transitório, ao passo que a Rússia recusou, acusando os rivais de ingerência nos assuntos internos da Ucrânia. Tal situação implicou a ocorrência de manifestações pró-russas no Leste e Sul da Ucrânia (região de *Luhansk* e *Donetsk*) e, principalmente, na Península da Crimeia[12], cuja população é maioritariamente de origem russa.

Moscou reagiu aos eventos na sua vizinhança próxima, que considerou serem parte de um esquema ocidental para promover reformas contrárias aos interesses russos e promover a aproximação da Ucrânia às instituições euro-atlânticas. Visando reverter as dinâmicas em curso na Ucrânia e assegurar a manutenção do país na sua esfera de influência, a Rússia envolveu-se desde cedo nesta crise. Utilizou efetivamente o seu vasto leque de instrumentos econômicos e diplomáticos para atingir os seus objetivos, mas também apoiou nos campos político e militar os movimentos separatistas no Leste e Sul da Ucrânia (DIAS, 2015).

Por fim, os separatistas tomaram o poder na Crimeia, incentivados pelas forças russas (embora Moscou tenha negado tal fato), enquanto o poder político local anunciava um controverso referendo, que levaria à anexação oficial dessa península à Rússia em março de 2014 (KOVER, 2015).

Esses conflitos no Leste e no Sul da Ucrânia acabaram por potencializar ainda mais as características da crise ucraniana. Se até então, desde a repressão às manifestações populares nas ruas de *Kiev*, os combates assumiam uma natureza híbrida, integrando simultaneamente forças de segurança estatais e irregulares, a partir de agora, passamos a nos deparar com uma guerra convencional de fato entre

forças armadas regulares ucranianas e o exército russo. Ainda que Moscou negue em sua narrativa a presença de forças militares em solo ucraniano, informações recentes apontam para o fato de os rebeldes pró-russos disporem de armamento proveniente das Forças Armadas russas (DIAS, 2015).

Do exposto, verifica-se que a Rússia desempenhou o papel de protagonista na crise ucraniana, revelando estratégias que visaram proteger os interesses russos na região e enfraquecer o poder e a legitimidade do novo Governo de *Kiev*. Assim, podemos destacar como interesses da Rússia: a necessidade do presidente russo *Vladimir Putin* de reforçar a sua popularidade doméstica; as ambições regionais russas que objetivam o fortalecimento de um bloco econômico euro-asiático, cujo sucesso depende em certa medida da participação da Ucrânia; e a responsabilidade de proteger os russos no espaço étnico pós-soviético.

4 A COMUNICAÇÃO ESTRATÉGICA E A PROPAGANDA NOS CONFLITOS

4.1 Afeganistão

Para RODRÍGUEZ (2013), a comunicação acompanha todo o ciclo de vida do conflito, seja pela crescente tensão que é desencadeada em um contexto de paz estável, até a escalada fatal que termina na guerra e que conclui com o cessar-fogo e, posteriormente, com as ações que devolvam a situação à estabilidade. Assim ocorreu no Afeganistão, desde o seu início, passando pelas ações desencadeadas pela ISAF.

Segundo o general norte americano *Stanley McChrystal*, Comandante da ISAF, o conflito no Afeganistão consistiu em uma diversidade de insurgentes relacionados entre si, formando um verdadeiro sistema complexo com múltiplos atores, fazendo que o conflito não se tornasse meramente uma campanha cinética baseada em operações de combate. Pelo contrário, houve no conflito um esforço contínuo para ajudar o Governo afegão a ganhar o apoio da população e a combater a coerção e a intimidação dos insurgentes. A ISAF identificou cinco atores principais nesse conflito: a população (o mais importante) e o governo afegão, a própria ISAF, a insurgência e os agentes externos (NATO, 2009).

O desenho operacional estabelecido pelo Gen *McChrystal* criou condicionantes para vencer a batalha das percepções no sentido de que a Comunicação Estratégica

deveria proporcionar uma contribuição vital ao esforço conjunto e mais especificamente ao centro de gravidade das operações: o apoio à população afegã. O esforço principal dessa comunicação e das ações consistiu em manter e fortalecer a percepção positiva do povo afegão sobre as instituições do governo afegão e o papel construtivo desempenhado pela ISAF e pela comunidade internacional.

Para a ISAF, a execução de uma Comunicação Estratégica bem projetada, consistente e habilmente implementada sobre esses atores aumentou a segurança da execução do processo de paz, criou confiança entre as principais partes envolvidas no conflito (coalizão, governo afegão e população), gerando apoio para a busca da reconciliação nacional. Estabeleceu a missão como fonte confiável de informações e ajudou contra os efeitos negativos de mídias hostis, irresponsáveis e direcionadas pelos insurgentes.

A Diretriz Geral de Comunicação Estratégica emitida pela ISAF em fevereiro de 2011 evidenciou a importância dada pela OTAN na unificação de narrativas e ações presentes na estabilização do conflito:

1) o apoio da OTAN ao Afeganistão continuaria além do fim da missão atual através de uma parceria duradoura. A ISAF trabalharia em estreita colaboração com as autoridades afegãs e internacionais, civis e militares, a fim de alcançar o ambiente de segurança e estabilidade no Afeganistão. Dessa forma, o povo afegão poderia confiar no apoio de longo prazo por parte de seus parceiros internacionais

2) a estratégia clara e sustentada da ISAF e seus parceiros permitiria uma transição irreversível da governança para as autoridades afegãs. Paulatinamente, o governo afegão deveria assumir a responsabilidade crescente de todas as áreas, incluindo a capacidade de resposta e prestação de contas ao público.

3) os comandantes em todos os níveis deveriam comunicar o progresso da campanha da ISAF para manter as audiências (públicos alvos) em pleno apoio à continuação da missão. O progresso deveria ser comunicado com credibilidade, fazendo uso adequado dos objetivos, prioridades e medidas de efeito definidos pelo Comando da ISAF. Em particular, o progresso precisaria refletir o que aconteceu nos dez anos desde o 11 de setembro (NATO, 2011).

Observamos aqui as ideias-força da temática de Comunicação Estratégica e da Propaganda que percorreu todos os níveis do Teatro de Operações e que atingiu as audiências necessárias: parceria com o governo do Afeganistão, transição

progressiva e confiável do governo para as autoridades afegãs, progresso proativo das ações da ISAF desde o início do conflito, resiliência, confiança nas forças de coalizão e busca constante do apoio da população.

Nota-se que o direcionamento presente nessa diretriz de Comunicação Estratégica caminha ao encontro dos objetivos do Gen McChrystal no ambiente informacional do Teatro de Operações (RODRÍGUEZ, 2013):

1) desacreditar e diminuir a capacidade dos insurgentes e de seus aliados extremistas de influenciar as atitudes e o comportamento do povo afegão.

2) ajudar o governo e a população a desenvolver um sentimento de propriedade e responsabilidade, para combater o extremismo violento e promover em sua segurança, estabilidade e desenvolvimento.

3) aumentar a eficácia da comunicação entre o governo e as forças internacionais com o povo afegão e a opinião pública internacional.

4) aumentar a determinação política e popular da sociedade, para combater o extremismo violento e proteger o centro de gravidade das operações: o apoio do povo afegão.

5) fomentar capacidade e confiança nas forças de segurança afegãs, como uma força para o bem do país.

6) manter e aumentar o apoio público e internacional aos objetivos e às políticas preconizadas pela ISAF no Afeganistão.

Cabe ressaltar que tais objetivos constituíram os principais temas das peças de propagandas direcionadas às audiências da ISAF.

A Comunicação Estratégica foi complementada pelo chamado *Comprehensive Approach*, que consiste na participação de outras expressões do poder (que não somente a militar), bem como outras organizações para integrar as soluções de resposta à crise, dentro de um sistema de relações civis e militares (NATO, 2018).

Um exemplo que evidencia a efetividade do *Comprehensive Approach* no fortalecimento da Comunicação Estratégica e até mesmo da Propaganda dos EUA e da OTAN foi a implementação das “equipes de reconstrução” das províncias afegãs (do inglês *Provincial Reconstruction Teams - PRTs*). Esse trabalho foi uma maneira de conciliar as operações de combate com os esforços de reconstrução das localidades afegãs pelas equipes civis-militares. Essa missão deixou como mensagem o fortalecimento da legitimidade do governo afegão, o aumento da sensação de

segurança por parte da população e a maior confiança nas ações das forças no terreno (RODRÍGUEZ, 2013).

Toda essa integração sistemática aqui apresentada fez parte de uma linha de esforço que, por outro lado, também foi obrigada a possuir a capacidade de proteger a ISAF das ameaças do Talibã no ambiente informacional.

O Talibã, por seu lado, fez (e ainda faz) uso em larga escala da internet e das mídias sociais, inclusive para a transmissão das ideias de propaganda. Para a população local, em grande parte rural e analfabeta, foram envidados grandes esforços para transmitir relatórios de pregação através de panfletos ou folhetos geralmente contendo ameaças, canções e poemas nacionalistas tradicionais visando o apoio e o recrutamento (INTERNATIONAL CRISIS GROUP, 2008).

Os objetivos psicológicos da insurgência foram transformados nas peças de propaganda e consistiam principalmente em: expulsar as forças internacionais; separar o povo do governo afegão e obter o apoio da população, fazendo surgir uma crise de confiança popular, fruto da fraqueza das instituições do governo afegão (funcionários corruptos); criar um sentimento generalizado de descontentamento político; explorar erros cometidos pela ISAF (mortes de civis por danos colaterais) e a situação econômica adversa vivida pelo povo afegão (o que acabou gerando novas incorporações para grupos insurgentes) (RODRÍGUEZ, 2013).

> Os insurgentes enviam suas narrativas através de vários meios. Dezenas de milhares de vídeos e DVDs foram produzidos pela *Omat Productions* e *Manbaul-Jihad*, o audiovisual talibã, e colocados em circulação por alguns poucos centavos em bazares no Paquistão e no Afeganistão. O produtor da *Al Qaeda, al-Sahab*, espalhou 89 mensagens em 2007, na proporção de uma a cada três dias, o dobro do emitido no ano anterior. Cada público recebe a propaganda apropriada através do meio mais apropriado, com base em uma estratégia de comunicação centralizada. O objetivo é transmitir a essas audiências que as forças estrangeiras "não podem com eles, que acabarão perdendo o controle e que acabarão saindo". É sempre uma mensagem emocional, que busca despertar a frustração sofrida, as queixas, a xenofobia, as denúncias de corrupção, imoralidade e impotência das autoridades locais e ampliar vítimas civis (ARTEAGA, et al., 2010) tradução nossa.

4.2 Síria

O conflito na Síria apresentou inicialmente outros conceitos além da unificação de narrativas e da propaganda no contexto da Comunicação Estratégica dos atores envolvidos. Aqui, nos deparamos com a concepção de *disinformation* e *misinformation* (desinformação e “meias verdades”).

Esses termos podem ser definidos como informação falsa ou enganosa que é criada, apresentada e disseminada para ganho econômico ou para “desconstruir” intencionalmente uma ideia até então seguida pela audiência, podendo causar algum tipo de dano no contexto social. Os danos incluem ameaças a processos democráticos, bem como, por exemplo, aos bens públicos, como a saúde, o ambiente ou a segurança de cidadãos (EUROPEAN COMMISSION, 2018).

Sob o aspecto informacional, o conflito na Síria não representou tão somente uma guerra onde dois lados se confrontam, pois se tratou de um evento complexo com vários lados em disputa, cada um estabelecendo a sua convicção e dificultando as audiências na tentativa de obter a constatação de quem fala a verdade. Para SOUSA NETO (2017), o conflito possuiu (e ainda possui) duas narrativas predominantes em oposição: de um lado, a narrativa do Ocidente e seus aliados, chamada de “Narrativa da Atrocidade” e do outro lado, a narrativa do governo sírio, a denominada “Narrativa da Libertação”.

De acordo com os partidários da “Narrativa da Atrocidade”, o Exército Sírio, apoiado por Rússia, Irã, milícias xiitas do Iraque e *Hezbollah*, cometeu graves crimes de guerra. A cidade de *Aleppo* foi duramente bombardeada por todo o tipo de fogo, particularmente aéreo e de artilharia, onde alvos foram atingidos, contrariando o que prescreve o Direito Internacional dos Conflitos Armados (DICA). Houve o ataque a hospitais, bem como o emprego de munição incendiária e de armas químicas, atingindo também a população civil. Durante o combate, *Aleppo* sofreu um longo cerco e o regime de *Assad* utilizou-se de estratégias e táticas cruéis para atingir seus objetivos. As forças do regime sírio empregaram a *“kneel or starve Strategy”*, estratégia que consistiu em impor ao inimigo a opção de curvar-se ou morrer de fome, sendo privado de ressuprimento logístico, por meio de uma operação de cerco (SOUSA NETO, 2017).

Como medida de desinformação, a Rússia e o regime de Assad se utilizaram da negação veemente de ações como esta, diante dos meios de comunicação. Segundo CZUPERSKI, et al (2017), a resposta mais simples às alegações de civis de baixas e mortes indiscriminadas era negá-las. Durante todo o conflito e, em desafio das evidências, tanto a Síria, quanto as autoridades do governo russo, rejeitaram tais alegações completamente, conforme ilustrado em entrevista do *presidente Bashar Al-Assad* concedida ao jornal *BBC News*:

> **Repórter**: Então você não está usando armas químicas?
> ***Assad***: Definitivamente não.
> **Repórter**: Mas você não negaria isso (armas químicas), incluído na categoria de bombas, que são armas indiscriminadas?
> ***Assad***: Não, não há armas indiscriminadas. Quando você atira, você aponta, e quando você aponta, você aponta para terroristas para proteger civis. Novamente, se você está falando de baixas, isso é guerra. Você não pode ter guerra sem baixas (BBC NEWS, 2016) tradução nossa.

Paralelamente à "campanha de negação", a Síria e as autoridades russas tentavam confundir repetidamente seus interlocutores, apresentando civis como combatentes e refutaram a acusação de desobediência ao DICA:

> **Repórter**: Podemos falar sobre a situação humanitária um pouco? Uma das táticas militares eficazes que o seu… o exército sírio usou, é isolar áreas ocupadas por rebeldes e efetivamente para matá-los de fome. Mas isso também teve o efeito de fazer civis passarem fome e que, novamente, é contra as leis da guerra: civis famintos.
> ***Assad***: Isso não está correto por um motivo. Porque, na maioria das áreas onde os rebeldes assumiram, os civis fugiram e vieram para nossas áreas, então na maioria das áreas que cercamos e atacamos são apenas militantes rebeldes (BBC NEWS, 2016) tradução nossa.

Por outro lado, e agora, conforme a mencionada "Narrativa da Libertação", *Assad* e seus aliados combateram (e combatem) terroristas. Para eles, a coligação de grupos rebeldes sunitas centrada em torno do Exército de Libertação da Síria não é diferente dos jihadistas do *DAESH* ou *ISIS* e de demais grupos extremistas. De acordo com essa narrativa, a coligação de grupos sunitas é financiada pelos EUA, UE, Turquia, Arábia Saudita, Catar e Emirados Árabes Unidos. Foram estes países que, aproveitando a onda da Primavera Árabe, provocaram a Guerra Civil na Síria. O governo sírio utilizou também a narrativa de acusar o Ocidente, a Turquia e os países sunitas da Península Arábica de terem aproveitado os períodos de cessar-fogo para ressuprir os rebeldes (SOUSA NETO, 2017).

Abordando agora a postura unicamente russa no conflito, SPRUDS, et al. (2016) estabelece que a estratégia de guerra informacional, sob o ponto de vista da Rússia, é baseada em uma Comunicação Estratégica defensiva de duplo objetivo. Por um lado, o governo é "forçado" a combater ataques estrangeiros, por outro lado, o governo "necessita agir" para proteger seu espaço de informação da disseminação de ideias extremistas e terroristas. Essa abordagem justifica a postura da Rússia no cerceamento à liberdade de imprensa no seu próprio âmbito interno.

Verifica-se assim, uma abordagem russa na Síria descrita em termos quase inteiramente defensivos, retratando uma narrativa onde a Rússia utiliza o seu espaço

informacional para se defender do constante ataque da propaganda e dos *trolls*[13] ocidentais, principalmente, por parte dos EUA.

Analisando agora a Comunicação Estratégica e a Propaganda sob a ótica do Estado Islâmico, percebemos que os grupos terroristas alojados na Síria utilizam massivamente a Internet e, principalmente, as mídias sociais para criar os efeitos desejados, a exemplo do que ocorre também no Afeganistão e no Iraque. Para NISSEM (2014), essas atividades são projetadas para apoiar as atividades cinéticas do Estado Islâmico e incluem coleta de dados de inteligência, seleção de alvos, propaganda, recrutamento e captação de recursos, através da disseminação de histórias interligadas por palavras e imagens que apoiam uma narrativa unificada.

Essa narrativa constitui a Comunicação Estratégica dessa organização perante suas audiências, que se baseia na noção de "multiplicação de forças", através do uso de mídias sociais para fazer o Estado Islâmico parecer mais poderoso do que realmente é. Parte disso é feito para criar um grande volume “chamativo” de mensagens *online* para garantir a visibilidade entre os públicos-alvo, bem como obter atenção de audiências de massa na exposição de propaganda emitida por esse grupo terrorista. Daí a importância dada pelo Estado Islâmico na contrastante disseminação de vídeos chocantes de decapitação, incineração, execução em massa e, por vezes, de entrega de alimentos para a população nos locais de combate, apelando para o sensacionalismo e, ao mesmo tempo, tentando aterrorizar e mostrar poder.

Ao estudar o uso das mídias sociais, NISSEM (2014) estabelece que o Estado Islâmico se baseia em uma abordagem *top down*, podendo identificar quatro níveis de disseminação *online*. Todos os quatro níveis usam uma narrativa estratégica centralizada como estrutura de direção e orientação para o uso de imagens e mensagens nas diferentes plataformas de mídia social que apoiam suas atividades de propaganda.

O elemento de nível superior consiste na própria conta de mídia social do Estado Islâmico, onde os dados são carregados de maneira centralizada. O segundo nível consiste em contas regionais ou provinciais que postam relatórios ao vivo de avisos e mensagens localizadas (palavras e imagens). O terceiro nível consiste em combatentes individuais que postam atualizações acerca de suas experiências no dia a dia ou em combate em suas contas pessoais. São mais emocionais e, portanto, atraem, por exemplo, jovens recrutas em potencial. O quarto nível está mais ou menos

fora do controle da gestão do Estado Islâmico e consiste em simpatizantes e apoiadores (os disseminadores), realizando suas postagens de “viralização” dos produtos.

Portanto, podemos inferir que o conteúdo é inicialmente muito coordenado, mas, à medida que avança verticalmente para baixo ou é “repassado”, “republicado” ou adaptado às circunstâncias e redes locais, tal conteúdo eventualmente se modifica. Isso resulta em alguma perda de controle da mensagem e, portanto, da narrativa.

Ainda em termos da Comunicação Estratégica, a criação do califado que marca o retorno à versão original do Islã, incluindo a introdução da lei da *Sharia*[14] é essencial para o Estado Islâmico na tarefa de manter a vontade de lutar, a coesão e a fidelidade o seu “público interno”. Para NISSEM (2014), a restauração de um califado é um dever religioso, assim como as leis draconianas e o terrorismo cruel praticado pelo Estado Islâmico. Observa-se que as regras uníssonas da *sharia* constituem a base para a Comunicação Estratégica daquele ator.

Assim sendo, partindo do seu discurso e das mensagens associadas, verificamos que os objetivos estratégicos do Estado Islâmico em sua campanha informacional na Síria são: obter atenção e visibilidade de suas mensagens; controlar a narrativa no âmbito regional; contrapor-se ao ocidente, ao exército sírio e aos *jihadistas* rivais, bem como dissuadi-los e intimidá-los; recrutar novos membros e apoiadores e captar recursos financeiros.

4.3 Ucrânia

Segundo JAGELLO 2000 (2015), no conflito da Ucrânia, o principal papel na consecução dos objetivos militares russos foi desempenhado por meios não militares, como operações psicológicas e propaganda, sanções econômicas, embargos, atividades criminosas, atividades terroristas e outras atividades subversivas de natureza semelhante. As operações militares russas foram conduzidas em segredo por forças irregulares combinando métodos de operações de combate convencionais e assimétricos contra toda a sociedade e, em particular, contra suas estruturas políticas, organismos governamentais, economia do Estado, o moral da população e contra as Forças Armadas, no mais amplo conceito de guerra híbrida.

Na Ucrânia, nos deparamos com a verdadeira distinção entre a guerra híbrida e a guerra convencional, aqui relacionada com o emprego dos meios utilizados

principalmente para alcançar os objetivos militares. Na guerra híbrida aqui ocorrida, os meios não militares de natureza subversiva desempenharam papel preponderante, onde o Estado atacante não precisou fazer uso explícito de forças militares. O objetivo do atacante foi de controlar as mentes da liderança política e a população do Estado atacado através de propaganda (operações psicológicas), campanhas enganosas e intimidação (JAGELLO 2000, 2015). Na Ucrânia, o emprego dos meios cinéticos russos foi aplicado da maneira mais velada possível, sobretudo, na anexação da Criméia, episódio segundo RÁCZ (2016) que constituiu no resultado do conjunto de ações coordenadas de maneira eficiente das Forças Armadas russas, grupos pró-separatistas russos locais, bem como, da mídia e da diplomacia russas, evidentemente sempre negado por Moscou.

Esse autor estabelece o ambiente informacional ocorrido no conflito em 3 fases**.** A primeira abrangeu a própria política externa e diplomacia russa frente à Ucrânia, articulando a dependência e a fragilidade dos campos do poder desse país perante a poderosa Rússia.

Numa segunda fase, ocorreu a “violência armada aberta e organizada”. Manifestantes em trajes civis e tropas não identificadas, usando uniformes russos e alta tecnologia, armas, veículos e equipamentos, apareceram e começaram a montar barricadas e postos de controle, bloqueando os portões de unidades das Forças Armadas e da polícia ucraniana. Paralelamente a essas ações, esses grupos assumiram órgãos de administração pública, edifícios de meios de comunicação e infraestrutura civis, estações de televisão e rádio, bem como, torres de transmissão, permitindo que os tais “manifestantes” suprimissem canais de mídia, tornando-os fora do ar e os substituíssem por canais russos. Tanto esses grupos em trajes civis, quanto as tropas uniformizadas, posteriormente chamadas de “educados homens de verde” sempre alegaram que eles eram manifestantes locais insatisfeitos com o governo central de Kiev. O discurso das mídias oficiais russas sempre se referiu a eles, e ainda o faz, como "oposição" ou "resistência".

A terceira fase foi chamada de estratégia de estabilização, para consolidar os efeitos alcançados e tomar medidas para legitimar as ações até então ocorridas, como, por exemplo, o já mencionado contraditório referendo na Criméia.

O modo pelo qual a Rússia liderou esse conflito foi potencializado pelo crescimento de redes sociais, fato que expandiu a gama de ferramentas que poderiam

ser utilizadas no desenvolvimento da guerra híbrida, no escopo da desinformação e da manipulação, sem que o usuário violasse as leis vigentes. Para isso, as forças russas criaram *bots* ou *robotrolling (softwares* concebidos para simular ações humanas repetidas vezes de maneira padrão), inserindo-os em redes sociais, para influenciar as áreas de interesse russo no âmbito informacional (SPALKOVÁ, 2019).

O Centro de Excelência de Comunicação Estratégica da OTAN (*NATO StratCom COE*), organismo vocacionado para o estudo e para o desenvolvimento da Comunicação Estratégica da Aliança, analisou as atividades de manipulação do ambiente informacional, particularmente, envolvendo as mídias sociais, durante a crise da Ucrânia, onde a Rússia procurava influenciar seus adversários. Tal experimento foi ao encontro das definições doutrinárias de guerra híbrida abordadas aqui.

Segundo BAY e FREDHEIM (2019), no centro dessa análise, descobriu-se um mercado florescente dominado por provedores de serviços de manipulação, os chamados *Manipulation Service Providers (MSPs)*, com base na Rússia. Observou-se que praticamente todos os principais fornecedores de *software* e infraestrutura de manipulação identificados eram de origem russa. Os compradores eram indivíduos, empresas e atores de nível estatal. Normalmente, esses provedores de serviços vendiam os acessos interativos de mídias sociais na forma de comentários, cliques, curtidas e compartilhamentos.

A fim de atestar a manipulação desenvolvida pelo governo russo junto às mídias sociais na Ucrânia, BAY e FREDHEIM (2019) realizou uma pesquisa de campo na forma de um experimento com 5 *MSPs* russos, pagando um total de 10 euros para cada fornecedor de serviço, a fim de contratar "*likes"*, "comentários", "visualizações" e "seguidores" de 4 mídias sociais, com o seguinte resultado:

1. *Youtube*: 781 *likes*, 153 comentários, 3267 visualizações, 458 seguidores.
2. *Facebook*: 1204 *likes*, 131 comentários, 11627 visualizações, 990 seguidores.
3. *Twitter*: 2173 *likes*, 119 comentários, 4397 visualizações, 2439 seguidores.
4. *Instagram*: 4000 *likes*, 212 comentários, 13158 visualizações, 3846 seguidores.

Verifica-se, dessa forma, a facilidade e o baixo custo a fim de criar uma isca capaz de simular um grande volume de atitudes a serem seguidas ou aparentes ações de legitimidade para atrair comportamentos desejáveis por parte das verdadeiras audiências-alvo.

Na guerra informacional, a missão dos *trolls* é de externar as ideias-força da comunicação ideológica específica emanadas pela “força atacante”. No contexto da crise na Ucrânia, o objetivo dos *trolls* híbridos foi promover os interesses e a propaganda do Kremlin e retratar a Rússia como uma força positiva contra o “Oeste podre” e a hegemonia dos EUA. Segundo SPRUDS, et al. (2016), em abril de 2015, o jornal *The Guardian* publicou um artigo no qual o jornalista entrevistou dois ex-funcionários de uma suposta sede do “exército de *trolls* da Rússia”, onde centenas de blogueiros pagos trabalham 24 horas por dia para inundar os fóruns russos da Internet, as redes sociais e as seções de comentários das publicações ocidentais com comentários elogiando o presidente *Vladimir Putin* e criticando “a depravação e as injustiças” cometidas pelo Ocidente.

A propagação da desinformação e da propaganda veiculada pelos órgãos de TV e rádio também constituíram ferramentas que ajudaram a Rússia a anexar a Península da Criméia em março de 2014. Enquanto a ocupação foi realizada fisicamente por forças militares, conforme já mencionado, a invasão começou "nas mentes" dos crimeanos. A invasão do território ucraniano e a anexação da Crimeia foram realizadas com uma campanha de propaganda da mídia estatal russa, como *“Russia 24”, “NTV”, “Channel One (ORT)”* e *“Russia-1”*, todos amplamente populares na península na época. Enquanto muitos ucranianos protestaram contra a corrupção e as políticas opressivas anti-ocidentais do regime em Kiev, uma narrativa muito diferente foi transmitida aos crimeanos sobre esses eventos. Tais narrativas levaram as pessoas na Criméia a acreditar que suas vidas e liberdades estavam em perigo por parte de seus concidadãos em Kiev. Como resultado, quando os militares russos vieram oferecer proteção, muitos aceitaram com prazer, justificando-a com a etnia pertencente à cultura russa (SUMMERS, 2017).

Para JAGELLO 2000 (2015), a Rússia também utilizou (e utiliza) a chamada “nova propaganda”, que não busca convencer o destinatário, mas ofuscar o que é verdade e no que o destinatário pode confiar. A fim de obter o apoio irrestrito da população russa, o governo usou uma ampla variedade de canais de mídia, particularmente a televisão estatal, juntamente com os jornais *“Russia Today”, “Voice of Russia”, “Sputnik”, “press agency ITAR-TASS”* e *“agency RIA Novosti”,* que em suas coberturas na Ucrânia, influenciaram significativamente a opinião pública local.

De fato, o cerne da Comunicação Estratégica russa na Ucrânia estava centrado na exaltação à Rússia e na deturpação dos seus oponentes em prol dos interesses russos. SPRUDS, et al. (2016) estabelece ideias-força que delinearam a narrativa russa contra a Ucrânia, tanto nos episódios das manifestações em Kiev, quanto na anexação da Criméia:

> "Extremistas neo-nazistas destituíram um presidente eleito democraticamente no golpe de *Maidan* em fevereiro [2014]. A Rússia, consciente de que a nova "junta" ucraniana planejava genocídio no Leste, não teve escolha a não ser proteger os "separatistas" étnicos russos, que espontaneamente estavam montando uma revolta contra *Maidan*.
> A Criméia, com sua grande população russa, estava em maior risco, então as forças russas tiveram que entrar e aceitar a vontade popular da Criméia a ser anexada.
> A Rússia também não pode impedir que voluntários patrióticos e oficiais de inteligência militar atravessem a fronteira entre a Rússia e a Ucrânia (com seus pesados equipamentos militares) para ajudar seus irmãos do "mundo russo" em sua "guerra civil" contra extremistas ucranianos. Durante todo o tempo, a Rússia tem sido uma espectadora inocente torcendo pela paz, com pouco controle sobre seus aliados separatistas " (SPRUDS, et al., 2016, pag. 17) tradução nossa.

HEAP coord (2020) ilustra, por sua vez, a narrativa do governo ucraniano diante do imperialismo e das agressões russas:

> "A Rússia é o agressor no leste da Ucrânia e na Crimeia; está violando a integridade territorial ucraniana e soberania do estado. A Federação Russa usa forças secretas para minar a estabilidade do estado e o progresso em direção ao Ocidente. Existem novas instituições governamentais e organizações da sociedade civil concentrando-se nos esforços anticorrupção. Esses esforços incluem a luta contra as redes criminosas e a influência russa na Ucrânia". (HEAP coord, 2020, pag. 89) tradução nossa.

Por fim, durante a estabilização do conflito, após a anexação da Criméia e visando sufocar o pensamento de aproximação ao lado Ocidental, por parte da Ucrânia, o governo russo elencou, a fim de atingir o seu estado final desejado, sete conjuntos de narrativas determinantes, como principais direcionamentos para sua propaganda (KELLY e PAUL, 2020).

1. <u>No contexto da Anexação da Criméia:</u>

a. Essas terras historicamente pertenciam à Rússia.

b. A aquisição da Crimeia pela Ucrânia em 1954 foi um erro histórico.

c. Campanha *KrymNash* ("A Crimeia é nossa").

d. A população étnica russa e todos os que falam russo residentes na Criméia sofrem grave ameaça ultranacionalista.

e. De modo algum a Rússia esteve envolvida em eventos na Criméia.
f. O referendo foi iniciado e realizado pelo povo da Crimeia.
g. Os soldados da Criméia voluntariamente depuseram suas armas e pronunciaram a sua lealdade à Rússia.

2. No contexto das manifestações na *Euromaidan:*

a. O Ocidente orquestrou a revolta.
b. A maioria dos manifestantes era violenta e “anti-Rússia”.
c. O presidente *Yanukovych* fugiu como resultado de um violento golpe de estado contra seu governo.
d. O novo governo da Ucrânia é ilegítimo.
e. A assinatura do acordo de associação trai o relacionamento histórico da Ucrânia com a Rússia.
f. A assinatura do acordo de associação tem consequências devastadoras para a Ucrânia.
g. Com medo de suas vidas, centenas de milhares de russos fugiram da Ucrânia.
h. A revolução de *Maidan* é fascista, nacionalista e anti-semita.

3. No contexto de vilipendiar e difamar a legitimidade da Ucrânia como Estado:

a. O governo ucraniano atua no interesse dos Estados Unidos e de outras potências estrangeiras.
b. O governo ucraniano foi invadido por ultra-nacionalistas violentos.
c. A população pró-europeia da Ucrânia é descendente ideológica de apoiadores fascistas e nazistas.

4. No contexto de difamar o Oeste:

a. Países ocidentais e, especialmente os EUA, são os principais orquestradores dos eventos na Ucrânia.
b. A expansão da OTAN e a limitação das capacidades da Rússia são as principais motivações para as ações da UE, dos EUA, do Canadá e da Austrália.
c. Os EUA estão pressionando os europeus para continuar as políticas de sanções contra a Rússia.

5. No contexto de enfraquecer a Ucrânia como Estado e Nação:

a. A Ucrânia é um estado economicamente falido.

b. A Ucrânia é um estado artificial que não existia antes de 1991.

c. A língua ucraniana não é mais nada do que uma combinação de russo e polonês.

d. A Ucrânia não tem futuro viável sem subsídios e patrocínio da Rússia.

6. No contexto de enfraquecer o Oeste:

a. A "(i)moralidade" do mundo ocidental fundamentalmente difere da moralidade do povo russo.

b. Os países europeus são gravemente dependentes da Rússia para gás e relacionamentos de importação e exportação.

c. O tempo da civilização ocidental decadente chegou ao fim: está apodrecendo por dentro.

d. Os países ocidentais e os EUA estão simplesmente descontentes e com medo do crescente poder da Rússia, daí sua reação, suas ações e suas políticas isolacionistas.

7. No contexto de glorificar e enaltecer a Rússia:

a. A história e a tradição russa necessitam de seu próprio caminho trilhado por russos - uma abordagem única dos direitos humanos e de uma trajetória de desenvolvimento.

b. A queda da União Soviética foi um desastre de proporções globais.

c. A Rússia constitui o centro dos eslavos /Mundo ortodoxo.

d. A Rússia é o principal combatente contra o fascismo.

e. A Rússia defende a verdade, é contra a dominação e hegemonia do mundo dos Estados Unidos.

f. A Rússia não ficará de joelhos e reunirá forças para resistir às políticas gananciosas e egoístas do Oeste.

Todas essas narrativas fizeram parte da Comunicação Estratégica russa no conflito, que constituía uma linha de esforço, planejada no nível político e executada de maneira uníssona por todos os demais níveis de planejamento.

5 LIÇÕES APRENDIDAS E RECOMENDAÇÕES

Características como vulnerabilidade, incerteza, complexidade e ambiguidade constituem importantes ingredientes em presença no ambiente operacional dos conflitos contemporâneos. O estudo de tais conflitos nos remete a uma gama variada de "*stakeholders*", com seus interesses específicos, procedimentos operativos, assimetrias e meios tecnológicos que dificultam enormemente a visualização do diagrama de relações desse ambiente.

Este trabalho teve como desafio a abordagem de três desses conflitos atuais, quais sejam, o conflito do Afeganistão, da Síria e da Ucrânia e, em especial, a análise da Comunicação Estratégica e das ações de Propaganda emitidas pelos contendores, buscando-se entender as influências que essas variáveis exercem no referido ambiente operacional.

No estudo do conflito do Afeganistão, verificamos que a ISAF reuniu um esforço contínuo para, juntamente com o Governo afegão, conquistar o apoio da população e combater a coerção e a intimidação da *Al-Qaeda* e do Talibã, priorizando esforços em cinco atores principais nesse conflito: a população, o governo afegão, a insurgência, os agentes externos e a própria ISAF. Neste contexto, podemos inferir que a população constituiu o centro de gravidade[15] no ambiente informacional e sobre a qual foram direcionadas as ideias centrais da Comunicação Estratégica e os principais esforços dos produtos de propaganda.

As diretrizes gerais de Comunicação Estratégica emitidas pela ISAF no nível estratégico deram origem à execução de uma narrativa unificada, perfeitamente seguida pelos demais níveis de planejamento. Por fim, os efeitos dessa comunicação consolidada e dos produtos de propaganda orquestrados foram devidamente absorvidos pelos públicos-alvo no Teatro de Operações, colaborando com o atingimento dos objetivos militares elencados pela ISAF.

Assim, a atuação no espaço informacional, por meio da execução de uma Comunicação Estratégica bem projetada, agregadora, consistente e coordenadamente implementada, aumentou a segurança das ações da ISAF na OTAN, criou confiança entre as principais partes envolvidas no conflito (coalizão, governo afegão e população), gerando apoio para a busca da reconciliação nacional e auxiliando a combater os efeitos negativos de mídias hostis, irresponsáveis e

direcionadas pelos insurgentes. Do exposto, podemos concluir que essas atitudes no ambiente informacional foram efetivas no aumento do poder de combate da ISAF, colaborando decisivamente para o sucesso dos movimentos dos meios cinéticos no terreno e facilitando, inclusive, a execução da fase de estabilização na operação.

Na Síria, ao contrário do Teatro de Operações do Afeganistão, dentro do qual a ISAF construiu sua narrativa e seus produtos de propaganda com viés mais construtivo, houve o exercício de uma verdadeira rede de distorções e de desinformação no jogo da batalha informacional, sobressaindo-se duas narrativas opostas entre os grupos de atores rivais, cada uma trabalhando a manipulação do campo informacional a favor de seus interesses, ora pendendo para a “atrocidade”, ora para a “salvação”.

Na “Narrativa da Atrocidade”, a informação capitaneada pelos EUA e seus aliados, chegava em larga escala para a comunidade internacional, atingindo, portanto, uma audiência mais ampla. A Síria, apoiada pela Rússia, produzia sua defesa, justificando as ações por intermédio da “Narrativa da Salvação”, a qual, evidentemente, atingia uma audiência menor, não conseguindo, por exemplo, chegar a grande parte das audiências ocidentais. Verifica-se, dessa forma que os objetivos no campo informacional são conquistados, quando se direciona a informação (ou desinformação) com sucesso ao mais amplo público alvo possível.

A estratégia da negação, exercida pelas forças sírias e russas, serviu de aprendizado no momento em que esses atores recebiam as acusações e decidiam negar ou manter o silêncio, a partir do momento em que percebiam que a narrativa acusadora tinha baixo perfil de atingimento de audiências e, por isso, não valia a pena o risco de articular uma resposta.

Podemos, ainda, colher ensinamentos, através do estudo das ações dos grupos terroristas no campo informacional, não apenas na Síria, mas também no Afeganistão, quando verificamos o foco direcionado, por parte desses grupos em obter o apoio das populações locais e de indivíduos para serem recrutados. As propagandas dos radicalistas islâmicos agiam por meio da exposição de temáticas metafísicas que exprimiam os desejos do público-alvo, como a religiosidade, a fé e a busca de melhores condições de vida, mas ao mesmo tempo, faziam questão de mostrar a coersão, para os casos de desobediência. Nota-se que a propaganda, valendo-se das mídias sociais, foi amplamente utilizada por esses grupos terroristas, sobretudo, no

nível tático, obtendo-se resultados satisfatórios na obtenção de seus objetivos no campo informacional, valorizando o seu poder de combate.

Por outro lado, isso não significa dizer que o Estado Islâmico e outros grupos terroristas articulavam a Comunicação Estratégica e a Propaganda somente nesse nível. Serve de ensinamento e de incentivo ao estudo, a articulação *top down* na dimensão informacional, de modo que os níveis mais elevados de planejamento acompanhem de maneira compartilhada e simultânea, de modo simbiótico, o trabalho dos níveis mais baixos. Quanto mais próximos estiverem esses níveis de planejamentos articulados, ocorrerão menores perdas controle de narrativa e mais firme será a Comunicação Estratégica.

No conflito da Ucrânia, mais especificamente na anexação da Crimeia, podemos perceber a ocorrência de operações militares russas conduzidas em segredo por forças irregulares, combinando métodos de operações de combate convencionais e assimétricos, atingindo estruturas políticas, organismos governamentais de controle do Estado, Forças Armadas e, principalmente, o moral da população, na mais ampla concepção de guerra híbrida. Evidentemente, como toda essa articulação foi negada por Moscou, verificamos aqui também, a exemplo do ocorrido na Síria, a presença da estratégia da negação.

Demonizando o governo ucraniano aos olhos da população russa e sublinhando as diferenças entre o Ocidente e a Rússia, as células de Operações de Informação russas, por meio de controlados órgãos de mídia e redes sociais fortemente manipuladas, despertaram os sentimentos patrióticos e mobilizaram a população de etnia russa, a fim de ganhar apoio para a política da Rússia e legitimar o papel do país na crise ucraniana, principalmente, na Crimeia.

Para tal, a Rússia já vinha inserindo as temáticas da guerra informacional na sua política externa e na diplomacia frente à Ucrânia, o que foi entendido aqui como a primeira fase das ações. Numa segunda fase, ocorreram as ações operativas com elementos cinéticos e não cinéticos, até adentrar na fase final, onde a desinformação e a propaganda puderam também consolidar e “legitimar” a estabilização, potencializada pelo emprego de manipulação massiva das redes sociais e dos órgãos de comunicação. Ademais, esse tipo de manipulação muito bem orquestrada pelas forças russas, seguindo a linha de narrativas unificadas, poderia servir de complemento e cobertura a inúmeras ações cinéticas, a tal ponto que esse tratamento

no ambiente informacional colaborou indubitavelmente para o aumento do poder de combate russo no conflito.

Ressalta-se, ainda, de modo comum, nos três conflitos estudados, a identificação da população local como centro de gravidade. Isso não significa que devemos engessar o estudo desse elemento da arte operacional sempre calcado na população. No entanto, como ensinamento colhido, salientamos que os planejadores militares não podem negligenciar a análise do comportamento das populações nas operações militares, sobretudo, no seio da dimensão informacional.

A título de lições aprendidas para a doutrina militar, tendo como base o conflito do Afeganistão, serve de ensinamento a emissão de diretrizes gerais de *StratCom*, por parte da ISAF no nível estratégico. Tais diretrizes efetivaram o balizamento da narrativa unificada na operação, perfeitamente seguida pelos demais níveis de planejamento. Uma vez recebida essa Comunicação Estratégica direcionada, cabe aos planejadores dos níveis abaixo traduzi-la sob a forma de regras de engajamento e de intenção dos comandantes nos sucessivos níveis. Dessa forma, o pensamento preconizado no ambiente informacional dos níveis mais elevados da operação é capaz de chegar até a "ponta da linha", junto aos *"the boots on the ground"* com efetividade.

No Brasil, o Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas (EMCFA), no Ministério da Defesa, possui em seu organograma a Chefia de Assuntos Estratégicos (CAE). Como sugestão, essa Chefia poderia ser a responsável pela emissão das diretrizes de Comunicação Estratégica nesse nível, a fim de alimentar um eventual Comando Conjunto ativado nos casos de conflitos armados.

Cabe ainda salientar que o tema Comunicação Estratégica deve ser uma competência de tratamento específico nos cursos de altos estudos, para que futuros oficiais de Estado-Maior possam assumir com segurança a liderança na gestão de uma campanha de comunicação nos mais elevados níveis. Nesse contexto, qualquer definição de Comunicação Estratégica na Doutrina Militar deveria incluir os seguintes termos: coordenação, planejamento de médio e longo prazos, objetivos claros e mensuráveis, informar, influenciar e persuadir, públicos globais, informações verdadeiras e avaliação de resultados.

De todo o exposto, conclui-se que esse ambiente das "novas guerras" exigirá muito mais gerenciamento da informação e aplicação da Comunicação Estratégica. E o inimigo, nesses conflitos, nunca será agrupado ou visível, mas permanecerá

fragmentado e oculto nas novas trincheiras: a população e os novos meios de comunicação aqui tratados. Por isso, será essencial contar com todos os veículos (meios) disponíveis no ambiente informacional como suportes para articular consenso interno necessário para a tomada de decisão. A Comunicação Estratégica ajudará a alcançar a legitimidade do exercício para a adoção de operações militares e a Propaganda irá colaborar para trazer as audiências alvo a nosso favor.

REFERÊNCIAS

ABRUNHOSA, HOMERO GOMES. **A União Europeia e a Crise na Ucrânia**. Trabalho de Conclusão de Curso, Rio de Janeiro: ECEME, 2017.

ARTEAGA, F., J. JORDÁN, P. POZO, e M. G. GUINDO. ***Terrorismo, contrainsurgencia y opinión pública.*** *Terrorismo sin fronteras. Actores escenarios y respuestas en un mundo global.* Cizur Menor: Aranzadi Thomson Reuters, 2010.

BATISTA, LUÍS ALVES, RICARDO MANUEL DOS SANTOS CAMILO, RICARDO JORGE AMARAL BESSA, e RICARDO ALVES PEREIRA. **O Atual Grande Médio Oriente em Turbulência:** os Estados do Far Abroad envolvidos. Trabalho de Aplicação de Grupo - Curso de Estado Maior Conjunto, Lisboa: Instituto Universitário Militar, 2016.

BAY, SEBASTIAN, e ROLF FREDHEIM. ***Falling Behind:*** *How Social Media are Failing to Combat Inauthentic Behavior Online.* NATO STRATCOM COE, Novembro de 2019: 32.

BBC NEWS. ***President Assad to BBC News: We are defending civilians and making dialogue.*** BBC NEWS. 10 de Fevereiro de 2016. http://sana.sy/en/?p=28047 (acesso em 11 de Abril de 2020).

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Editora do Congresso Nacional, 1988.

_____. EB 20-MF-10.102 - **Doutrina Militar Terrestre**. 1ª. Brasília: EGGCF, 2014a.

_____. Manual de Campanha C 45-4, **Operações Psicológicas**. 3ª. Brasília: EGGCF, 1999.

_____. Manual de Campanha EB 70-MC-10.211, **Processo de Planejamento e Condução das Operações Terrestres (PPCOT)**. 2ª. Brasília: EGGCF, 2020.

_____. Manual de Campanha EB 20-MC-10.213, **Operações de Informação**. 1ª. Brasília: EGGCF, 2014b.

_____. Manual de Campanha EB70-MC-10.223, **Operações.** 5a. Brasília: EGGCF, 2017.
BRASIL. **Política Nacional de Defesa e Estratégia Nacional de Defesa**. Ministério da Defesa. Brasília, 2012.
CALAZANS, FLÁVIO. **Propaganda Subliminar Multimídia**. 2ª Ed. São Paulo: Summus Editorial, 1992.

CONDÉ, LEONARDO PIRES. **O combate ao terrorismo empreendido pelos EUA nas Guerras do Iraque (2003) e do Afeganistão (2001) e as possíveis implicações para a doutrina milita**r. Trabalho de Conclusão de Curso. Rio de Janeiro: ECEME, 2017.

CZUPERSKI, MAKSYMILIAN, FAYSAL ITANI, BEN NIMMO, ELIOT HIGGINS, e EMMA BEALS. ***Breaking Allepo****. The Atlantic Council of the United States*, Fevereiro de 2017: 70.

DIAS, VANDA AMARO. **As Dimensões Interna e Internacional da Crise da Ucrânia.** Scielo Portugal. Relações Internacionais, Março de 2015: 45-55.

EUROPEAN COMMISSION. ***European Commission contribution to the European Council.*** *Action Plan against Disinformation. Joint Communication to the European Parliament, Bruxels: European Commission, 2018.*

FREIRE, MARIA RAQUEL. **Relações UE-Ucrânia**: a complexa gestão de objetivos, motivações e expectativas. *Working Paper*, Lisboa: Núcleo de Relações Internacionais, FEUC e IPRI-UNL, 2008.

GERASIMOV, VALERY. **По опыту Сирии, [De acordo com a experiência Síria]** (tradução nossa). março de 2016. https://vpk-news.ru/articles/29579.

GUEDES, ARMANDO MARQUES. ***Proxy Wars***. Academia.edu. Fevereiro de 2016. https://www.academia.edu/9201902/Proxy_Wars (acesso em 27 de Fevereiro de 2020).

HEAP, BEM; SOPHIA KRAUEL, e JENTE ALTHUIS. ***Hybrids Threats.*** *A Strategic Communicatios Perspective. Riga: NATO, Stratcomcoe, 2019.*

IESM. **Orientações metodológicas para a elaboração de trabalhos de investigação**. Lisboa, 2015.

INTERNATIONAL CRISIS GROUP. ***Taliban Propaganda:*** *Winning the War of Words? 24 de Julho de 2008. https://www.crisisgroup.org/asia/south-asia/afghanistan/taliban-propaganda-winning-war-words* (acesso em 30 de Março de 2020).

JAGELLO 2000. **Hybrid warfare:** *A new phenomenon in Europe's security environment. Jagello 2000 for NATO Information Centre in Prague,* Outubro de 2015: 16.

KALIFAT. Direção: Goran Kapetanović. Produção: Sveriges Television. Elenco: **NETFLIX**. 2020.

KELLY, ALAN, e CHRISTOPHER PAUL. ***Decoding Crimea:*** *Pinpointing the Influence Strategies of Modern Information Warfare. NATO STRATCOM COE*, 2020: 36.

KOVER, CLÁUDIA. **As relações UE-Ucrânia ao abrigo da parceria oriental:** a projeção de poder da UE perante a Rússia e a criação de um limite entre dois cosmos. Tese de Mestrado em Ciência Política e Relações Internacionais – área de especialização Estudos Europeus, Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2015.

MORGADO, NUNO ALEXANDRE PEREIRA VILAR CORREIA. **A política externa da Rússia e as suas implicações na rivalidade geopolítica com os EUA:** o caso da Síria. Dissertação de Mestrado em Relações Internacionais: Estudos da Paz, Segurança e Desenvolvimento, Coimbra: Universidade de Coimbra, 2018.

NASSER, SALEM HIKMAT. **Direito Islâmico e Direito Internacional:** os termos de uma relação." Revista Direito GV, Jul-Dez 2012: 725-744.

NATO. ***NATO/ISAF STRATEGIC COMMUNICATIONS FRAMEWORK,*** *10 Feb 2011, Brussels: Media Operations Centre. NATO HQ, 2011*.

NATO. *MCM-0085 -* ***Military Concept for NATO Strategic Communications.*** *Bruxels: SHAPE. IMS, 2010.*

NATO. *NATO ISAF COMMANDER.* ***COMISAF INITIAL ASSESSMENT****, KABUL: ISAF, 2009, p. 2.3.*

_____. *NORTH ATLANTIC TREATRY ORGANIZATION - **A "comprehensive approach" to crises.*** 26 de Junho de 2018. https://www.nato.int/cps/en/natolive/topics_51633.htm (acesso em 09 de Abrl de 2020).

NATO STRATCOM COE. ***Analysis of Russia's Information Campaign Against Ukraine.*** *NATO STRATCOM COE,* Setembro de 2014: 4.

_____. ***Countering the Malicious Use of Social Media:*** *The Black Market of Social Media Manipulation." NATO STRATCOM COE,* Novembro de 2018.

NISSEM, THOMAS ELKJER. ***Terror.com - IS's Social Media Warfare in Syria and Iraq.*** *Royal Danish Defence College, 2014.*

NOVAIS, PAULO LAMMARDO DE. **A Guerra Insurgencional no Afeganistão:** ensinamentos para o Exército Brasileiro. Trabalho de Conclusão de Curso. Rio de Janeiro: ECEME, 2012.

PEREIRA, CARLOS SANTOS. **Dez Anos de Guerra no Afeganistão.** Nação de Defesa, 2011: 216.

PIELLA, GULLEM COLOM. ***La Doctrina Gerasimov y el pensamiento estratégico ruso contemporáneo.*** *Revista Ejército, diciembre 2018.*

PINHO, ALESSANDRO PAIVA DE. **A Guerra Híbrida e os Reflexos para o Exército Brasileiro.** PADECEME, 2016: 109.

PIRES, NUNO LEMOS. **Resposta ao Jiadismo Radical:** Políticas e Estratégias para Vencer Grupos como o *Al-Qaeda* ou o *DAESH*. Lisboa: Nexo editora, 2016.

QUINTELLA, FLÁVIO SARAIVA. **Os reflexos da atuação do Estado Islâmico nas relações internacionais no Oriente Médio.** Trabalho de Conclusão de Curso, Rio de Janeiro: ECEME, 2017.

RÁCZ, ANDRÁS. ***Russia's Hybrid War in Ukaine:*** *Breaking the Enemy's Ability to Resist. The Finnish Institute of International Affairs - FIIA Report 43, 2016: 104*.

Rodrigues, NILTON DINIZ. **A Comunicação Estratégica no Exército Brasileiro:** A mudança do perfil das do perfil das Operações Psicológicas, sua Integração com o Sistema de Comunicação Social e os Interesses da Força. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: ECEME, 2013.

RODRÍGUEZ, FELIPE SANTOS. ***La Comunicación Estratégica (STRATCOM) en los Conflitos Modernos:*** *El caso de Afganistán. Revista del Instituto Español de Estudios Estratégicos , 2013: 40.*

SARAIVA, LUÍS, RUI VIEIRA, e JOÃO CORREIA. **Estudos Estratégicos:** da Estratégia, do *Planeamento* estratégico Militar e da Conflitualidade. Vols. 14, Coleção ARES. Lisboa: Instituto Universitário Militar, 2017.

SOUSA NETO, JOSÉ RIBAMAR CÂNDIDO DE. **A Queda de *Aleppo* e a luta pela narrativa dominante no espaço de batalha**. Artigo de Opinião, Rezende: Academia MIlitar das Agulhas Negras, 2017.

SPALKOVÁ, VERONIKA. ***Influence of Russian Disinformation Operations:*** *Specifics Examples in Data and Numbers. KREMLIN WATCH PROGRAM, 2019: 17.*

SPRUDS, ANDRIS, et al. ***Internet Trolling as a tool of hybrid warfare:*** *the case of Latvia. StratCom Centre of Excellence, 2016: 106.*

SUMMERS, JULIA. ***Countering Disinformation:*** *Russia's Infowar in Ukraine. The Henry M. Jackson School of International Studies, University of Washington.* Outubro de 25 de 2017. https://jsis.washington.edu/news/russia-disinformation-ukraine/ (acesso em 12 de Março de 2020).

TCHAKHOTINE, Sergei. **A Violação das Massas pela Propaganda Política**. Tradução: Miguel Arraes. Moscou, 1938.

VIEIRA, RUI, e TERESA RODRIGUES. **O Conflito da Síria:** as Dinâmicas de Globalização, Diplomacia e Segurança. Cadernos do IESM, Setembro de 2014: 66.

Winter on Fire: Ukraine's Fight for Freedom. Direção: EVGENY AFINEEVSKY. Produção: **NETFLIX**. Elenco: CISSY JONES. 2015.

WRIGHT, DONALD P. ***A different kind of war:*** *the United States Army in operation Enduring Freedom. Fort Leavenworth: Combat Studies Institute Press, 2010.*

---

[1] O conceito operativo do Exército é definido pela forma de atuação da Força Terrestre no amplo espectro dos conflitos, tendo como premissa maior a combinação, simultânea ou sucessiva, de operações ofensivas, defensivas e de cooperação e coordenação com agências, ocorrendo em situação de guerra e de não guerra. A situação determinará a preponderância de uma operação sobre outras. As operações no amplo espectro dos conflitos podem, portanto, conduzir os elementos da Força Terrestre a combinarem atitudes, de acordo com o requerimento das missões e tarefas, que sofrem mudanças no curso das operações (BRASIL, 2017).

[2] As forças militares devem ser capazes de atingir alvos de natureza militar, com uma resposta proporcional à ameaça, mitigando os efeitos colaterais. Possuir letalidade seletiva implica possuir sistemas de armas precisos o bastante para preservar a população e as estruturas civis, em alinhamento com os princípios do Direito Internacional dos Conflitos Armados (DICA) e outras legislações pertinentes (BRASIL, 2014a).

[3] Guerra Híbrida é um conflito em que se utilizam táticas regulares, irregulares, atos criminosos, terrorismo, ataques cibernéticos, pressão econômica e a coerção para quebrar a capacidade do estado-alvo em se defender e assim conseguir atingir os objetivos políticos (PINHO, 2016).

[4] O renomado pesquisador português Prof Marques Guedes estabelece que as *proxy war* (ou guerra de 'substituição', ou 'por delegação' ou 'procuração') tendem a ser conflitos bélicos instigados por uma potência – por via de regra média-grande, mas podendo não o ser – que nela não participa de maneira direta. Está por isso nele implícita a ideia de que aquilo que está em causa é a 'representação' dos interesses de uma potência por forças exteriores que dela não constituem parcela intrínseca (GUEDES, 2016). Da mesma forma, atores *near abroad* e f*ar abroad* são aqueles que, geograficamente, estão próximos e longe, respectivamente, da zona de conflito, mas manifestam seus interesses políticos, econômicos, psicossociais, militares, etc, naquela região.

[5] A superioridade de informação é traduzida por uma vantagem operativa derivada da habilidade de coletar, processar, disseminar, explorar e proteger um fluxo ininterrupto de informação aos comandantes em todos os níveis, ao mesmo tempo em que se busca tirar proveito da informação do oponente e/ou negar-lhe essas habilidades. É possuir mais e melhor informação do que o adversário sobre o ambiente operacional. Permite o controle da dimensão informacional (espectros eletromagnético, cibernético e outros) por determinado tempo e lugar (BRASIL, 2014b).

[6] *WikiLeaks* é uma organização transnacional sem fins lucrativos, sediada na Suécia, que publica, em sua página, postagens de fontes anônimas, documentos, fotos e informações confidenciais, vazadas de governos ou empresas, sobre assuntos sensíveis.

[7]Em dezembro de 2010, a imolação de um vendedor de rua na Tunísia serviu para inflamar uma população jovem descontente com o seu governo e deu início ao movimento conhecido por Primavera Árabe. Este movimento estendeu-se pelo Grande Médio Oriente (GMO), repetindo-se os protestos populares por vários países, dando origem a quedas de governos, reformas e guerras civis. Neste momento, a face mais visível deste movimento é a guerra civil na Síria, que causou milhares de mortos e vagas de refugiados para os países vizinhos e Europa, desestabilizando o GMO e regiões limítrofes (BATISTA, et al. 2016).

[8]Considera-se uma guerra sectária ou religiosa, por opor forças com matrizes religiosas diferentes, os xiitas do lado do governo e os sunitas do lado da oposição, com o perigo de expansão para países vizinhos (BATISTA, et al. 2016).

[9]Sistema de governo de um estado islâmico que combina a liderança política e religiosa na figura do califa. O Estado islâmico dedicava-se a todo o tipo de contrabando, dominando as entradas e saídas do país (Síria) nesta zona. Instituíram um regime fundamentalista islâmico e foram responsáveis pela maior parte dos ataques bombistas nas zonas xiitas que mataram milhares de pessoas (BATISTA, et al. 2016).

[10]Do ponto de vista da Rússia e China, a vitória da oposição não é nada favorável. À Rússia é lhe muito conveniente manter a base de *Tartus*, na costa Síria, o único porto que permite aos russos navegar em águas internacionais quando o gelo lhes congela as águas e os seus navios não conseguem sair. Para os chineses, este eixo é o seu braço para alcançar a Europa, enquanto para o *Irão* perderia definitivamente o estatuto de potência regional. Estão também em causa as lucrativas explorações de hidrocarbonetos, os oleodutos e gasodutos com os quais *Assad* se tinha comprometido com o governo russo e que em muito beneficiam os chineses (VIEIRA e RODRIGUES, 2014, pag. 14).

[11]A União Econômica Euroasiática (UEE) é um bloco econômico de integração eurasiático formado por iniciativa da Rússia integrando atualmente a Armênia, a Bielorrússia, o Cazaquistão e o Quirguistão. Tem como principal objetivo alcançar a livre circulação de produtos, serviços, trabalho e capital entre os países-membros.

[12]Historicamente, a Península da Crimeia nunca pertenceu de fato à Ucrânia. Passou a ser uma república semiautônoma anexada ao território da Ucrânia só em 1954, quando o então líder soviético *Nikita Khrushchev* – de origem ucraniana – cedeu-a em caráter amistoso. Após a Independência em 1991, a Rússia manteve a base naval de *Sebastopol*, localizada às margens do mar Negro, único porto estratégico de águas quentes da Rússia, que dá acesso ao Mediterrâneo. Com uma população de cerca de 60% de origem russa sempre manteve uma forte influência desta através de fatores culturais e linguísticos (ABRUNHOSA, 2017, pag. 39).

[13]O *Urban Dictionary* define um *troll* como um grupo ou pessoa envia uma mensagem deliberadamente provocativa para um grupo de notícias ou quadro de mensagens com a intenção de causar o máximo de perturbações e argumentos. O *trolling* é definido como a publicação de comentários destrutivos com a intenção de provocar um conflito. Trata-se de um comportamento de viés enganoso ou perturbadora no ambiente social na internet (SPRUDS, et al. 2016).

[14]O direito islâmico, ou *sharia*, é geralmente entendido como o conjunto das prescrições, regras e mandamentos que se aplicam a todos os aspectos da vida tanto do muçulmano, individualmente, quanto da comunidade dos fiéis (NASSER, 2012).

[15]O centro de gravidade é uma fonte, componente primário de força, poder e resistência física ou moral que confere ao contendor, em última análise, a liberdade de ação para utilizar integralmente seu poder de combate. Sob uma perspectiva ampla, um centro de gravidade pode incluir o conjunto das forças oponentes ou a sua estrutura de comando, a opinião pública, a vontade nacional, líderes políticos e militares ou a estrutura de uma coligação. O centro de gravidade oferece resistência e possibilita o desfecho de golpes físicos ou morais. É um ponto crítico de um sistema, cujo funcionamento é imprescindível à sobrevivência do conjunto. (BRASIL, 2020).